

# **Coro e Orquestra Gulbenkian**

**Hannu Lintu  
Marita Sølberg  
Stuart Skelton  
Mika Kares**

---



**09 + 10 out 25**

**09 out 25** QUINTA 20:00

**10 out 25** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Coro e Orquestra Gulbenkian**

**Hannu Lintu** Maestro

**Marita Sølberg** Soprano (Sieglinde)

**Stuart Skelton** Tenor (Siegmund)

**Mika Kares** Baixo (Hunding)

### **Magnus Lindberg**

*Graffiti\**

c. 32 min.

INTERVALO

### **Richard Wagner**

*A Valquíria (Ato I)*

c. 65 min.

\* Primeira audição em Portugal.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO DE 20 MIN.

# Magnus Lindberg

(Helsínquia, 1958)

## Graffiti

—

COMPOSIÇÃO 2008-2009

ESTREIA Helsínquia, 20 de maio de 2009

DURAÇÃO c. 32 min.

*Graffiti*, plural de *graffito*, é uma forma artística de inscrição ou desenho pintado sobre um suporte em espaços públicos que não são previstos para esta finalidade, como muros e paredes. Existe desde o Império Romano.

Magnus Lindberg, proeminente compositor finlandês, um dos mais talentosos da sua geração, foi cofundador da sociedade informal conhecida por *Korvat auki* (“Ouvidos abertos”) destinada ao estímulo e à divulgação de compositores e composições contemporâneos, do qual nasceu o grupo experimental *Toimii* (“Funciona”) onde tocava piano e percussão. Estreou em Helsínquia, em 2009, a sua primeira obra coral sinfónica, intitulada *Graffiti*, numa alusão às pinturas murais de Pompeia, cidade soterrada pela erupção do Vesúvio.

Lindberg estreou-se com obras orquestrais em larga escala, nomeadamente *Action-Situation-Signification* (1982) e *Kraft* (1983-85), cimentando a sua posição com *Fresco* (1997) e sobretudo *Seht die Sonne* (2007), encomendada pela Filarmónica de Berlim. A vontade de escrever uma ópera que germinou durante vinte anos levou-o a *Graffiti*, primeira incursão num género vocal com orquestra que, embora não

tenha enredo, conta histórias reais. Com temas desde a banalidade das atividades domésticas a questões filosóficas relacionadas com a vida cívica e política, estas inscrições oferecem um olhar único sobre uma sociedade de há 2000 anos que ficou petrificada e intacta no tempo. Terá sido esse o ponto de partida e de atração por parte do compositor. Lindberg usou o latim vernáculo original das inscrições, pelo seu afastamento cronológico, mas de ressonância intemporal e preferiu textos vivos, que não soassem arcaicos e distantes e musicando-os na sua forma original, com os seus coloquialismos, erros ortográficos e de sintaxe.

Foram selecionados anúncios prosaicos como “*Urna ahenea pereit de taberna. Si quis rettulerit, dabuntur sestertium LXV.*” (“uma urna de bronze desapareceu da loja. Quem a devolver, receberá 65 sestércios”), ou de entretenimentos: “*Cumis gladiatorum paria XX pugnabunt Kalendis Octobribus, (antediem tertium) III et pridie Nonas Octobres. Cruciarii, venatio, vela erunt.*” (“Em Cumas, 20 pares de gladiadores lutarão, nas calendas de outubro. Haverá crucificações, uma caça de animais selvagens e um toldo móvel”).

Mas também ditados, *Minimum malum fit contemnendo maximum.* (“o menor mal, se ignorado, torna-se o maior”), citações da Eneida, pensamentos mais profundos ou simplesmente registos despidos ou obscenos. Os textos são lançados vocalmente de forma muito direta, como os gravados em muros e paredes.

*Graffiti* é uma obra contínua, não fragmentada (apesar dos textos curtos),

sem interrupção, construída de acordo com os principais temas espelhados nas inscrições, alternando momentos de densidade coral e orquestral com passagens de grande clareza rítmica e articulação incisiva do texto. O coro é tratado como massa sonora monumental, em blocos homofônicos, por vezes com *divisi* até 16 partes, mas também em contraponto com pequenas frases ou motivos.

A orquestra, rica sobretudo em instrumentos de percussão, desempenha um papel motor, construindo camadas de energia contínua que sustentam ou contrapõem as vozes, fundindo-se frequentemente. As harmonias modais e tonais, embora por vezes com uma dureza dissonante, ajudam a projetar o imediatismo das histórias dos *graffiti*. O resultado é uma música exuberante,

de grande teatralidade, com algo de Hollywood, embora sem recurso a personagens ou ação narrativa: é a própria tensão entre palavra e som que gera o dramatismo. Inspirada nas obras latinas de Stravinsky (*Sinfonia dos Salmos* e *Oedipus Rex*, mas também *Les Noces*) e em Berio, faz ainda lembrar os *Carmina Burana* de Carl Orff.

A receção aquando da estreia foi entusiástica: a crítica destacou a forma como Lindberg conseguiu conciliar modernidade e acessibilidade, oferecendo uma obra simultaneamente exigente para intérpretes e estimulante para ouvintes. Ao revisitar vozes anónimas de há 2000 anos, *Graffiti* convida-nos a refletir sobre a perenidade da expressão humana, lembrando que o desejo de comunicar – de escrever nas paredes, de deixar marcas – é uma constante da nossa condição.

# Richard Wagner

(Leipzig, 1813 – Veneza, 1883)

## A Valquíria (Ato I)

COMPOSIÇÃO 1856

ESTREIA Munique, 26 de junho de 1870

DURAÇÃO c. 65 min.

Richard Wagner, controverso pelas suas ideias literárias, musicais e políticas, foi o revolucionário criador do drama musical. Na ausência de uma tradição operática alemã, à exceção de *Fidelio* de Beethoven ou de *Der Freischütz* de Weber, e almejando criar uma obra artística e filosófica de carácter universal, não seguiu nenhum modelo (a não ser talvez a 9.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven, não uma ópera). Embora tenha feito uma experiência na senda e com o apoio de Meyerbeer com *Rienzi* (1840), renegou a ópera convencional, procurando um formato original, diluindo os contornos entre árias, recitativos e *ensembles*, aumentando o papel e as dimensões da orquestra e reduzindo o do coro.

Autoconsiderado músico-dramaturgo no culminar de uma junção de Beethoven e Shakespeare, insistia que palavra e música tivessem o mesmo peso. Por essa razão, e pela busca da concretização do conceito de “obra de arte total” (*Gesamtkunstwerk*), partindo da combinação de várias disciplinas artísticas, escrevia os seus próprios libretos, conseguiu que fosse construído um auditório que pudesse receber as suas criações e assegurou a sua própria imortalidade. Após a conclusão de *Lohengrin*,

em 1848, e num período de alterações e de alguma turbulência na sua vida e relações pessoais, Wagner fez uma pausa na composição, dedicando-se à leitura e à escrita. Quando procurava dominar as lendas e sagas heroicas do norte da Europa, lendo alguns manuscritos da biblioteca Real de Dresden, descobriu as histórias dos nibelungos, que contavam as aventuras destes anões da mitologia nórdica, e de Siegfried, o herói semideus. Habitantes de Niflein, a “Terra das Neblinas”, os nibelungos eram guardiões de um valioso tesouro, roubado por Alberich, seu rei. Esse tesouro, tanto sinónimo de poder como de maldição, encontrou a sua representação num anel, forjado a partir do ouro do Reno, responsável pelas forças que moldam o destino de deuses e de humanos.

Wagner, inspirado também pela leitura de textos medievais islandeses e germânicos, como *Edda* ou *Völsungasaga*, imergiria na redação do “perfil para um drama”, baseado na *Canção dos Nibelungos* (*Nibelungenlied*), poemas épicos datados do século XIII, ao qual chamaria *A Morte de Siegfried*. Escrevendo os libretos pela ordem inversa, em maio de 1852 tinha completado o esboço da grandiosa tetralogia, *O Anel do Nibelungo*, e afirmava: “o meu total conceito do mundo encontrou a sua mais completa expressão artística”. Dois anos depois concluía a composição do prólogo (*O Ouro do Reno*) e de seguida o primeiro ato de *A Valquíria*, a primeira jornada.

*O Anel* ficaria, no entanto, em pausa, enquanto Wagner lia Schopenhauer, participava nos serões filosófico-

-literário-musicais promovidos pelos Wesendonck no seu Asyl em Zurique, começava a dedicar-se a *Tristão e Isolda*, separava-se escandalosa, mas previsivelmente de Minna Planer, passava por Veneza e Paris e regressava a território alemão graças ao novo regente, Luís II da Baviera, que se tornou seu generoso patrono e protetor.

A tetralogia seria concluída mais de vinte anos após o começo, e Wagner desejava que fosse apresentada na sua forma completa no teatro que havia idealizado para o efeito, patrocinado pelo rei. No entanto, o monarca não quis esperar e, tanto o prólogo como a primeira jornada estrearam em 1869 e 1870, respetivamente, em Munique. *O Anel do Nibelungo* haveria de estrear em 1876, já no Festspielhaus de Bayreuth. *A Valquíria* será provavelmente a mais afamada das óperas que constituem a tetralogia, atingindo uma união entre poesia, arquitetura, pintura, teatro e música, a concretização da visão de Wagner sobre o *Gesamtkunstwerk*. Conquistou desde cedo a empatia do público, por introduzir uma dimensão humana, quer pelo facto de os protagonistas serem pessoas e não apenas deuses, quer pela viagem de autoconhecimento de si próprios e das suas emoções.

Após o final de *O Ouro do Reno*, o Deus Wotan enceta a criação de uma nova raça humana de heróis, o clã Volsung, e *A Valquíria* começa com a reunião de dois gémeos, separados ainda crianças, pertencentes a esse clã e filhos do deus Wotan e de uma mortal. O primeiro ato, apresentado autonomamente em concerto, é dos mais célebres de todo o ciclo, pela intensidade dramática e pelo lirismo

apaixonado que o percorre. Começa com uma tempestade no meio da qual Siegmund, refugiado da perseguição e sem armas, encontra acolhimento na casa de Hunding, noivo de Sieglinde. O ambiente é de tensão contida: a tempestade inicial, retratada pela orquestra com agitação nas cordas e sopros ameaçadores, simboliza também o destino implacável que se aproxima. A orquestra deixa de ser apenas acompanhamento e torna-se narradora, comentando e antecipando os sentimentos das personagens, um pouco como o coro na tragédia grega.

Ao longo de todo o ciclo, Wagner usa um sistema de *leitmotive* (motivos condutores) associados a personagens, eventos, emoções, objetos. Por exemplo, o tema ouvido logo no início, tinha já sido introduzido no final da ópera anterior quando os deuses entram em Valhalla, e relaciona Siegmund com a tempestade, mas também com os deuses, mesmo antes de conhecer a sua verdadeira identidade. Todo o primeiro ato mostra a experiência de enamoramento e de arrebatadora (e incestuosa) paixão entre os dois irmãos. À medida que Siegmund e Sieglinde se reconhecem e descobrem o laço de sangue que os une, a música intensifica-se com a teia de *leitmotive*. O motivo de Siegmund, heroico e amplo, surge em contraste com os intervalos suspensos associados a Sieglinde, até ao dueto, onde o amor irrompe como força vital. A revelação da espada mágica Nothung, cravada no freixo da casa e destinada a libertar Siegmund, fecha o ato com uma ascensão triunfal, onde paixão amorosa, destino heroico e mito se fundem.

NOTAS DE SUSANA DUARTE

## Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfônica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfônica de Boston, a Sinfônica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfônica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfônicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfônica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

## Marita Sølberg

Depois de vencer o Concurso Internacional Rainha Sonja, na Noruega, em 2001, o *Arendalsposten* afirmou que a soprano norueguesa Marita Sølberg: “é uma voz de dimensões quase místicas... como se fosse trazida de uma fonte secreta e profunda”. Marita Sølberg estreou-se profissionalmente em 2002, como Pamina em *A flauta mágica*, na Ópera Nacional Norueguesa. Desde então, afirmou-se como uma das mais apreciadas vozes de soprano lírico da atualidade. Muito solicitada, trabalhou com maestros como John Fiore, Marc Minkowski, Zubin Mehta, Michel Plasson, Rinaldo Alessandrini, Manfred Honeck, Neeme Järvi, Phillip Herreweghe, Michael Hofstetter, Enrique Mazzola, Bruno Weil, Andreas Spering, Olaf Henzold, Konrad Junghänel, Miquel Ortega, Peter Neumann, Raphael Frühbeck de Burgos, Christoph König, Roman Brogli-Sacher ou Shao-Chia Lü.

Destaques no domínio da ópera incluem: Mimì, em *La bohème*, na Ópera Estadual de Viena; Antonia, em os *Contos de Hoffmann*, na Royal Opera House – Covent Garden; Pamina, na Ópera de Los Angeles; a Princesa de Werdenberg, em *O Cavaleiro da Rosa*, na Semperoper Dresden; a Condessa, em *As bodas de Figaro*, no Teatro La Fenice; e Sieglinde, em *A Valquíria*, na Ópera Real de Estocolmo, interpretação pela qual foi nomeada para o Prémio de Ópera Sueco 2026. O repertório de concerto de Marita Sølberg inclui as grandes obras como a 9.ª Sinfonia de Beethoven, a 8.ª Sinfonia de Mahler, o *Requiem* de Mozart, as *Quatro Últimas Canções* de R. Strauss, o *Requiem* de Verdi ou *Peer Gynt* de Grieg.

## Stuart Skelton

Stuart Skelton é um dos mais empolgantes tenores da atualidade, sendo aclamado pela crítica pela sua musicalidade excepcional e pela intensidade dramática das suas interpretações. A música de Richard Wagner é central na temporada 2025/26. Stuart Skelton estreia-se com a Ópera Nacional Coreana numa nova produção de *Tristão e Isolda*, dirigida por Jaap van Zweden. A nova temporada inclui outros grandes concertos Wagner, incluindo *A Valquíria* (Ato I), com a Orquestra Gulbenkian e com a Sinfónica de Antuérpia, concertos de gala, com a Sinfónica da Islândia, a soprano Nina Stemme e a maestra Eva Ollikainen, e *Tristão e Isolda*, com a Filarmónica da Radio France e a Sinfónica de Houston. Recentemente, o calendário de concertos incluiu, entre outras obras: *A Canção da Terra* de Mahler, com Andrew Davis e a Sinfónica de Melbourne, Esa-Pekka Salonen e a Orquestra do Met de Nova Iorque, e Simon Rattle e a Sinfónica de Londres; a *Sinfonia Fausto* de Liszt, com Vladimir Jurowski e a Sinfónica da Rádio de Berlim; a *Missa Solemnis* de Beethoven, com Gianandrea Noseda e a Filarmónica da BBC, bem como David Robertson e a Sinfónica de St. Louis; e a Sinfonia n.º 9 de Beethoven, com Antonio Pappano e a Accademia Nazionale di Santa Cecilia, bem como Franz Welser-Möst e a Orquestra de Cleveland. No seu primeiro álbum a solo, *Shining Knight* (Wagner, Griffes e Barber) Stuart Skelton é acompanhado por Asher Fisch e a Orquestra Sinfónica da Austrália Ocidental. O extenso catálogo de gravações inclui ainda *Tristão e Isolda* de Wagner, *Peter Grimes* de Britten, *Gurre-Lieder* de Schönberg, a *Missa Glagolítica* de Janáček, nomeada para um *Grammy*, com Edward Gardner e a Filarmónica de Bergen, *A Valquíria* de Wagner, com Simon Rattle e a Sinfónica da Baviera, bem como contribuições para quatro gravações de *O Anel do Nibelungo* de Wagner.

## Mika Kares

Depois de concluir os seus estudos na Academia Sibelius de Helsínquia, Mika Kares estreou-se no Festival de Ópera de Savonlinna. Desde então, afirmou-se como um dos baixos mais requisitados da atualidade. O seu vasto repertório abrange todos os grandes compositores italianos e alemães, para além dos papéis de ópera mais importantes da tradição eslava e finlandesa. Mika Kares é um convidado regular dos mais prestigiados palcos internacionais, tendo trabalhado com maestros como C. Thielemann, S. Young, T. Currentzis, N. Harnoncourt, F. Luisi, M. Minkowski, Z. Mehta, R. Muti, K. Nagano, K. Petrenko, M. Armiliato ou T. Peltokoski. Os destaques de atuações recentes incluem: Hagen (*O Crepúsculo dos Deuses*), em Bayreuth, Viena e Berlim; Barba Azul (*O Castelo do Barba Azul*), no Festival de Salzburgo; Sarastro (*A flauta mágica*), em Londres e em Munique; Comendador (*Don Giovanni*), na Lyric Opera de Chicago e nos Festivais de Salzburgo e Savonlinna; Jacopo Fiesco (*Simon Boccanegra*), na Ópera Nacional de Paris; Heinrich (*Lohengrin*), Marke (*Tristão e Isolda*), Padre Guardiano (*La forza del destino*) e Balthazar (*La Favorite*), na Ópera da Baviera; Gremin (*Eugene Onegin*), na Ópera de Viena; Hermann (*Tannhäuser*), na Royal Opera House e na Ópera de Zurique; Zaccaria (*Nabucco*), na Deutsche Oper Berlin; Grande Inquisidor (*Don Carlo*), no Scala de Milão; e Ramfis (*Aida*), no Théâtre Royal de La Monnaie, em Bruxelas. Mika Kares é também muito solicitado como solista de concerto, incluindo o seu vasto repertório obras importantes como o *Requiem* de Mozart, o *Stabat Mater* de Rossini, a Sinfonia n.º 9 e a *Missa Solemnis* de Beethoven, o *Requiem* de Verdi, a Sinfonia n.º 8 de Mahler ou as Sinfonias n.º 13 e n.º 14 de Chostakovitch. Foi nomeado para o prémio de “Cantor Masculino do Ano” nos International Opera Awards de 2023.

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto a *capella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

### SOPRANOS

Bianca Varela  
Carina Matias Ferreira  
Claire Rocha Santos  
Inês Rasquinho\*  
Isabel Cruz Fernandes  
Margarida Simões  
Maria João Sousa  
Mónica Santos  
Sofia David\*  
Susana Duarte  
Teresa Duarte  
Verónica Silva

### CONTRALTOS

Beatriz Cebola  
Catarina Saraiva  
Estrela Martinho  
Joana Esteves  
Joana Nascimento  
Laura Lopes\*  
Laura Martins  
Madalena Barão  
Manon Marques\*  
Marta Queirós  
Michelle Rollin  
Patrícia Manso

\* Coralistas solistas

—

### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

### PRODUÇÃO

Inês Rosário  
Marta Ferreira de Andrade  
Inês Nunes

### TENORES

António Gonçalves  
Artur Afonso  
Bruno Sales  
Francisco Cortes\*  
Hugo Martins  
Jaime Bacharel  
João Custódio  
João Pedro Afonso\*  
Miguel Carvalho  
Pedro Miguel  
Pedro Rodrigues\*

### BAIXOS

Afonso Moreira  
Alexandre Gomes  
Filipe Leal  
Henrique Coelho  
João Costa\*  
João Líbano Monteiro  
João Silva  
Lucas Mandillo Robert  
Martim Líbano Monteiro  
Miguel Jesus  
Pedro Casanova\*  
Rui Bôrras

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Alexander Kagan CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Maria Balbi 1º SOLISTA  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Catarina Resende  
Margarida Queirós  
Félix Duarte  
David Ascensão\*  
João Castro\*  
Mariana Moita\*  
Leonardo Guedes\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwał 1º SOLISTA  
Jorge Teixeira 2º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira  
Lúcia Salvado\*  
Maria João Matos\*  
Tiago Rodrigues\*  
Ana Sofia Faria\*

# Orquestra Gulbenkian

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Artemis Balkiz  
Joana Silva  
Micaela Miranda  
Íris Almeida\*  
João Barata\*  
Dinis Campos\*

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA  
Emeraude Bellier 1º SOLISTA  
Martin Henneken 2º SOLISTA  
Raquel Reis  
Jeremy Lake  
Leonor Moniz  
Filipe Szkopek\*  
Tiago Mirra\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rêgo 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Luís Ferreira  
André Filipe Gonçalves\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA  
Alexandra Gouveia 2º SOLISTA\*  
Rui Borges Maia 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS  
Maria Azeredo 2º SOLISTA\*

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José María Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO  
Edgar Silva 2º SOLISTA\*

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA  
Pedro Fernandes 2º SOLISTA  
Antonia Chandler 2º SOLISTA  
Luís Vieira 1º SOLISTA\*  
Jaime Resende 1º SOLISTA\*  
Telma Gomes 1º SOLISTA\*  
José Marques 2º SOLISTA\*  
Kevin Cardoso 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA  
José Pedro Pereira 2º SOLISTA  
Jorge Pereira 1º SOLISTA\*  
Davide Lopes 2º SOLISTA\*  
Paulo Alves 1º SOLISTA\*  
TROMPETE BAIXO

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA  
Rui Fernandes 2º SOLISTA  
Thierry Redondo 2º SOLISTA  
TROMBONE BAIXO  
Tiago Noites 1º SOLISTA\*  
TROMBONE CONTRABAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA  
Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA  
Nicola Woud 1º SOLISTA\*

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA  
Tomás Rosa 2º SOLISTA  
Marco Fernandes 2º SOLISTA\*

## PIANO

Ricardo Martins 1º SOLISTA\*

## HARPAS

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA  
Rebeca Csalog 1º SOLISTA\*  
Ana Castanhito 2º SOLISTA\*  
Emanuela Nicoli 2º SOLISTA\*  
Salomé Matos 2º SOLISTA\*  
Inês Cavalheiro 2º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Ferreira de Andrade  
Pedro Canhoto  
Fábio Cachão  
Inês Nunes

# A Mesa do CAM

Aproveite o menu pensado para a nova Temporada, desenhado pelo chef André Magalhães, para antes e depois dos concertos.



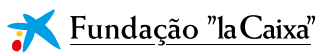
Qui – Sáb,  
10:00 – 23:00

Uma experiência gastronómica da horta para a mesa, recorrendo a produção própria e a uma rede de produtores locais.

Reservas  
online



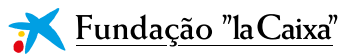
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

